

Carlos H. Durão; Marcos Paulo; Engénia Cunha

1. Hospital de Vila Franca de Xira – Gabinete Médico Legal de Torres Vedras
2. Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto – Rio de Janeiro
3. Universidade de Coimbra

“Quem não sabe o que busca, não identifica o que acha”

Kant

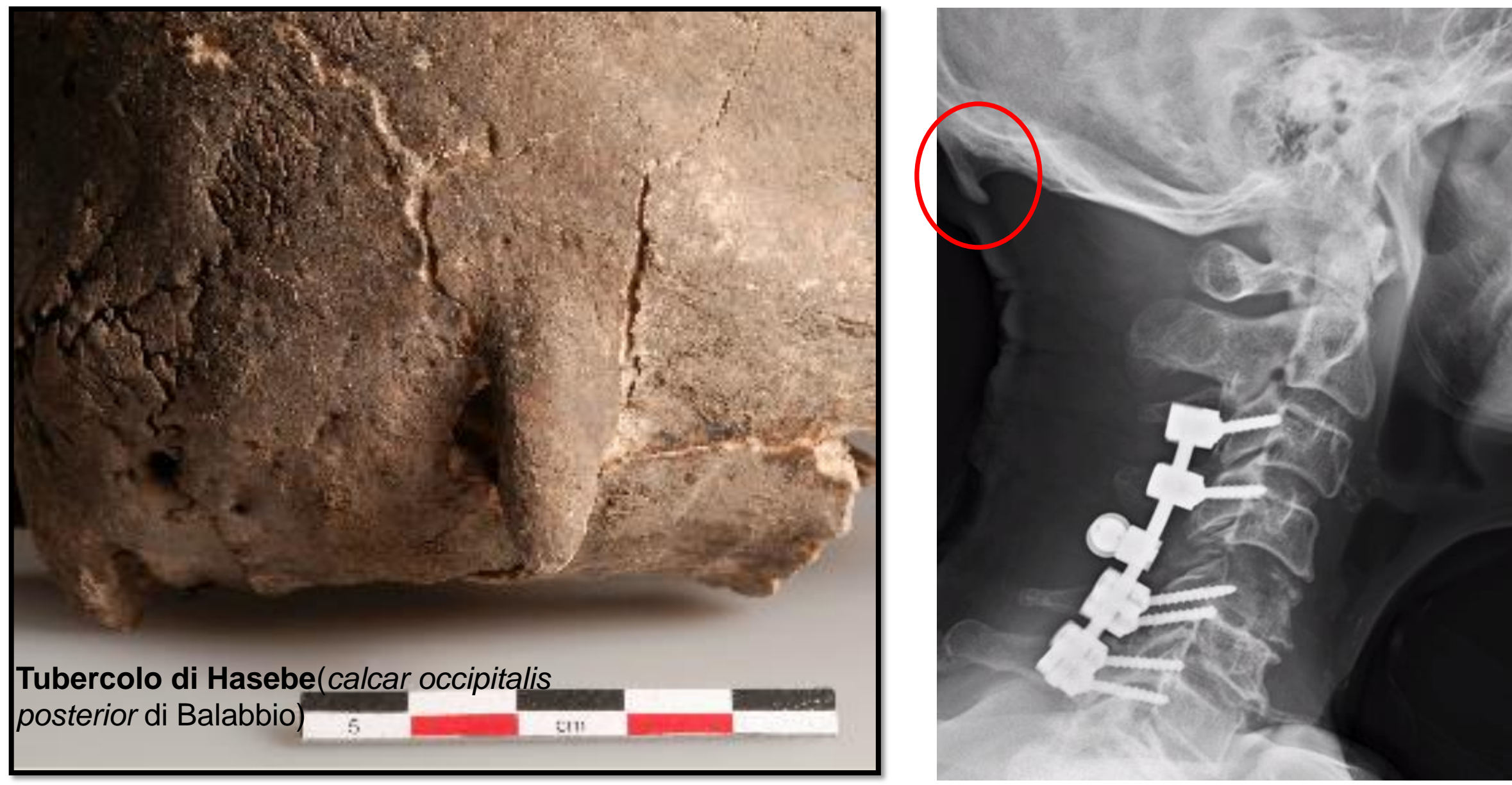
O exame dos caracteres discretos, variações anatômicas ou não métricas, pode contribuir para a identificação positiva, desde que se confrontem as observações encontradas com eventuais registos in vitam. Desastres de massa, são realidades que ocorrem com lamentável frequência. Nestas situações, um dos problemas forenses fundamentais é o da identificação das vítimas.

Discussão

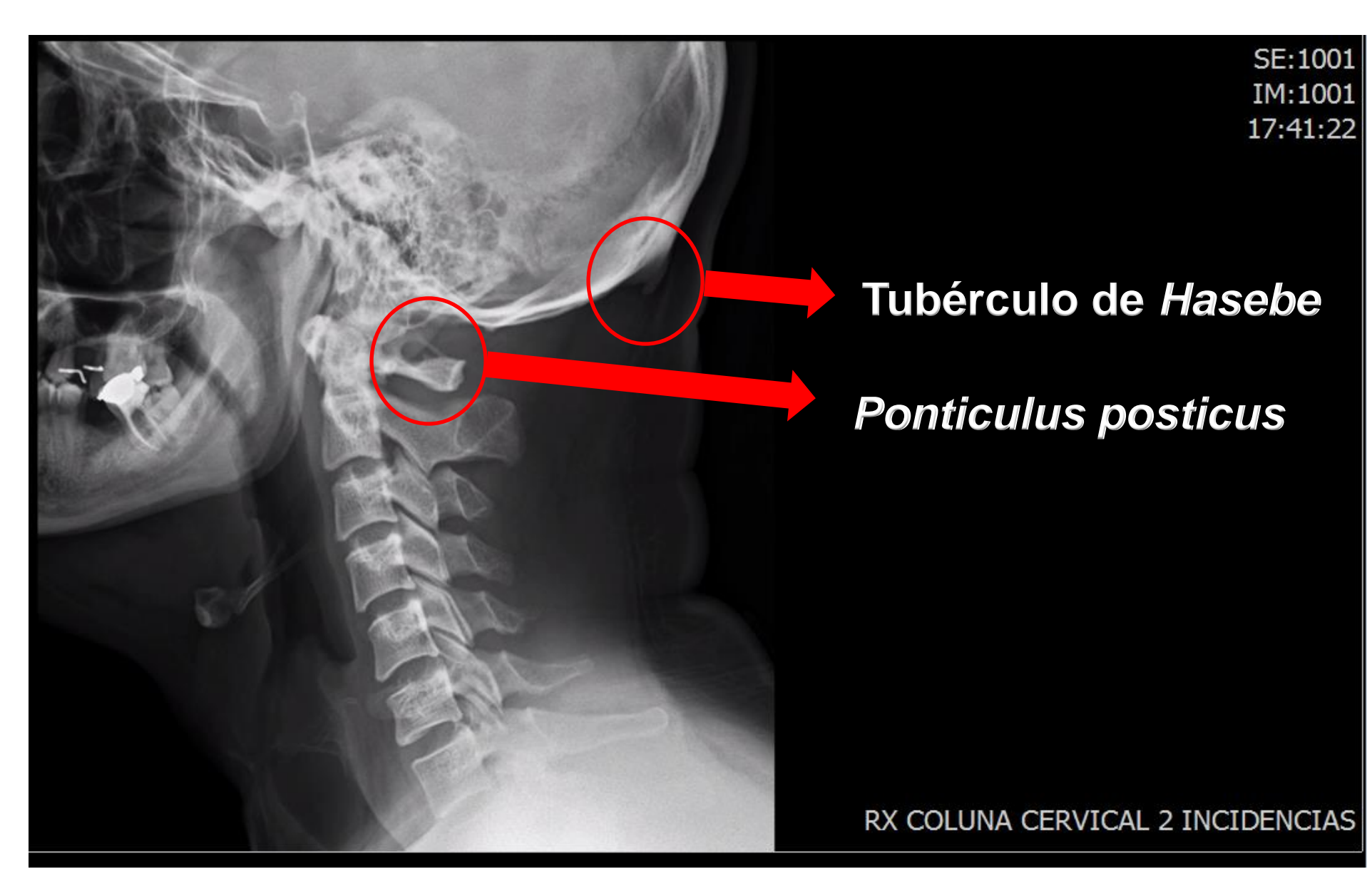
Identificar é determinar a identidade de uma pessoa ou coisa. Portanto identificar uma pessoa é determinar uma individualidade e estabelecer peculiaridades que a tornam diferente de todas as outras e igual apenas a si mesma. O antropólogo forense, para além de participar na localização e recuperação de restos mortais, procura estabelecer a natureza destes (humana ou animal), o sexo, a idade à morte, as afinidades populacionais, a estatura e várias características do indivíduo como fracturas consolidadas, cirurgias, próteses, patologias degenerativas ou congénitas, sendo de maior importância aquelas com baixa frequência ou que são raras. O encontro de variações em antropologia forense é relativamente comum porém a falta de documentação destas in vitam dificulta a sua aplicação no contexto da identificação.



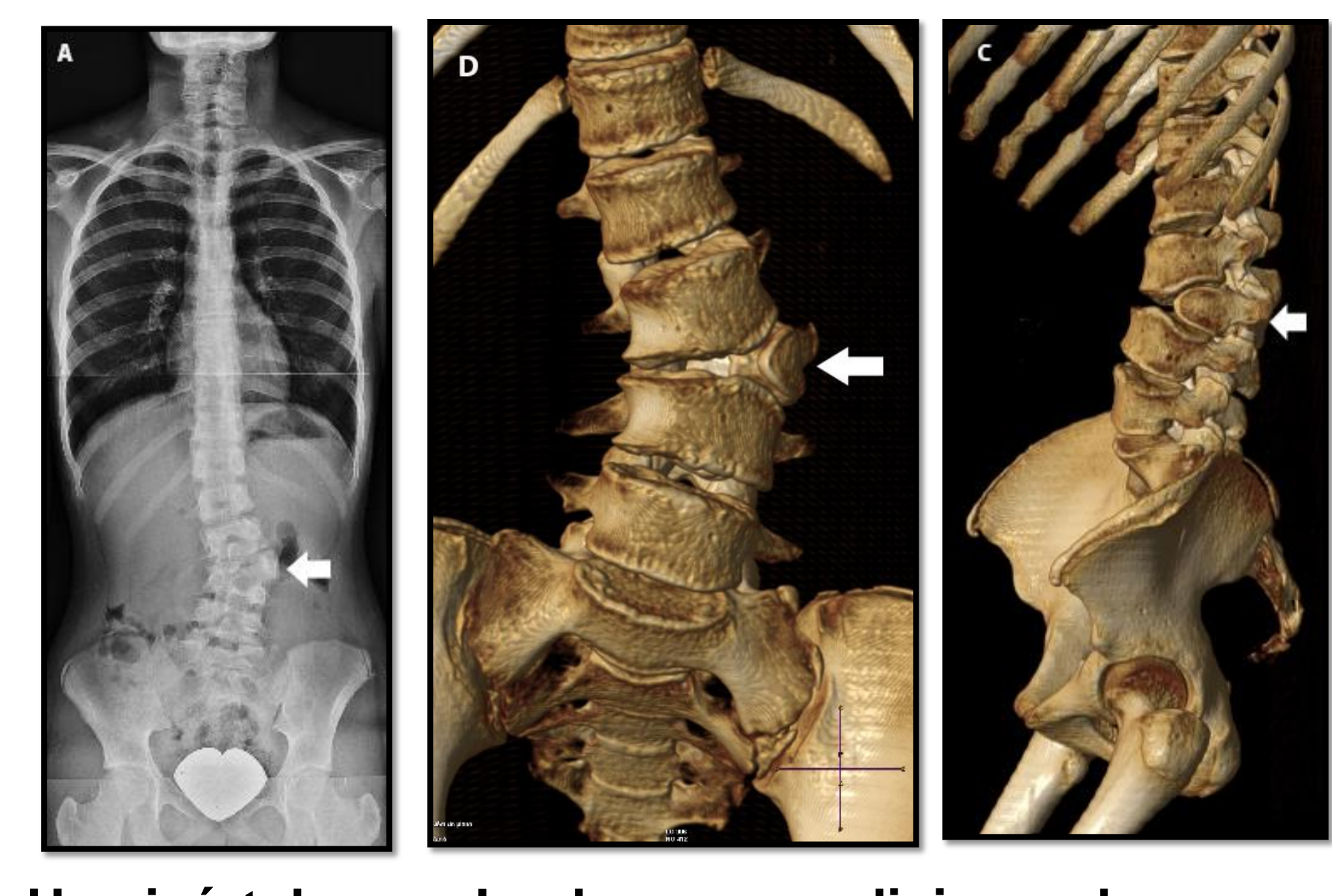
Ponticulus posticus – observado em C1 e que pode ser identificado no Rx



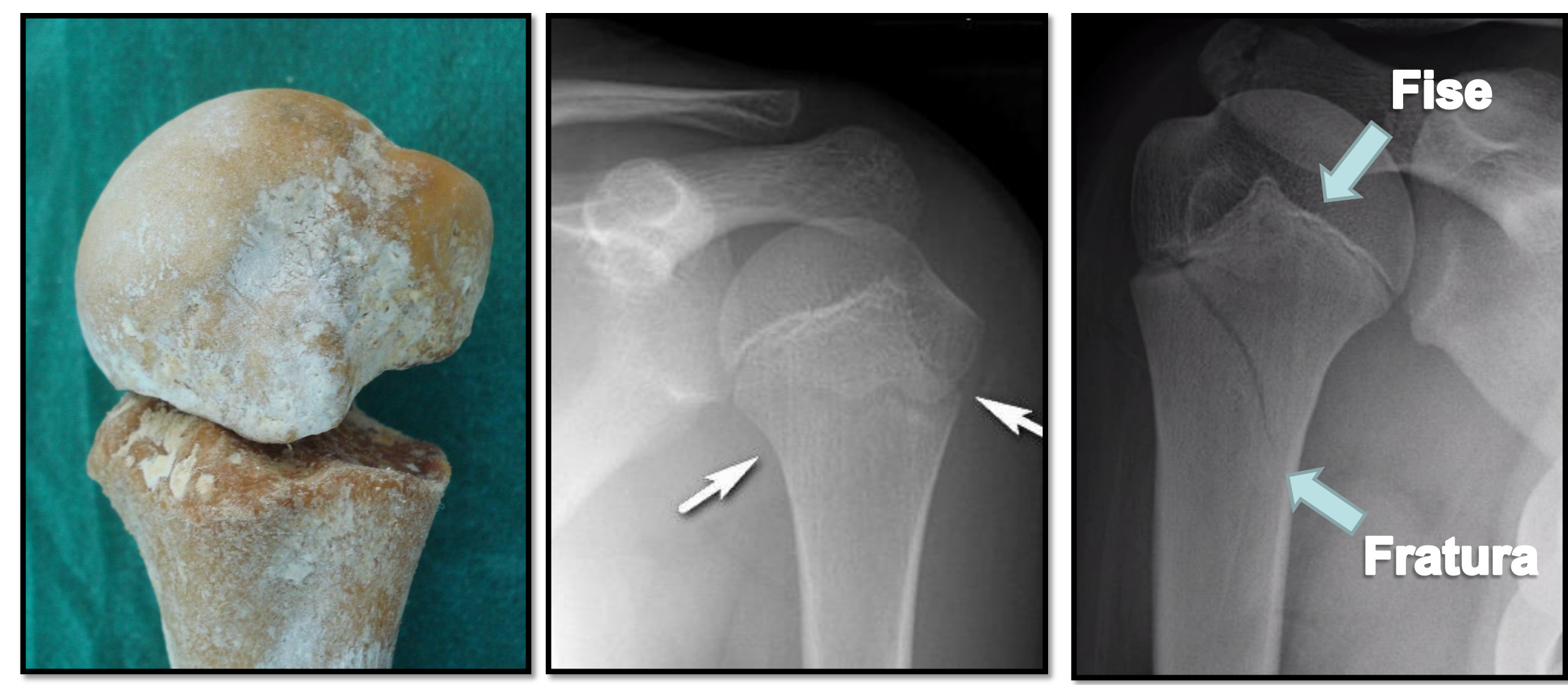
A Proeminência nucal pode ser exuberante e se apresentar como um tubérculo (Hasebe) observado no RX.



Quanto mais peculiaridades apresentar, maior é a identificação



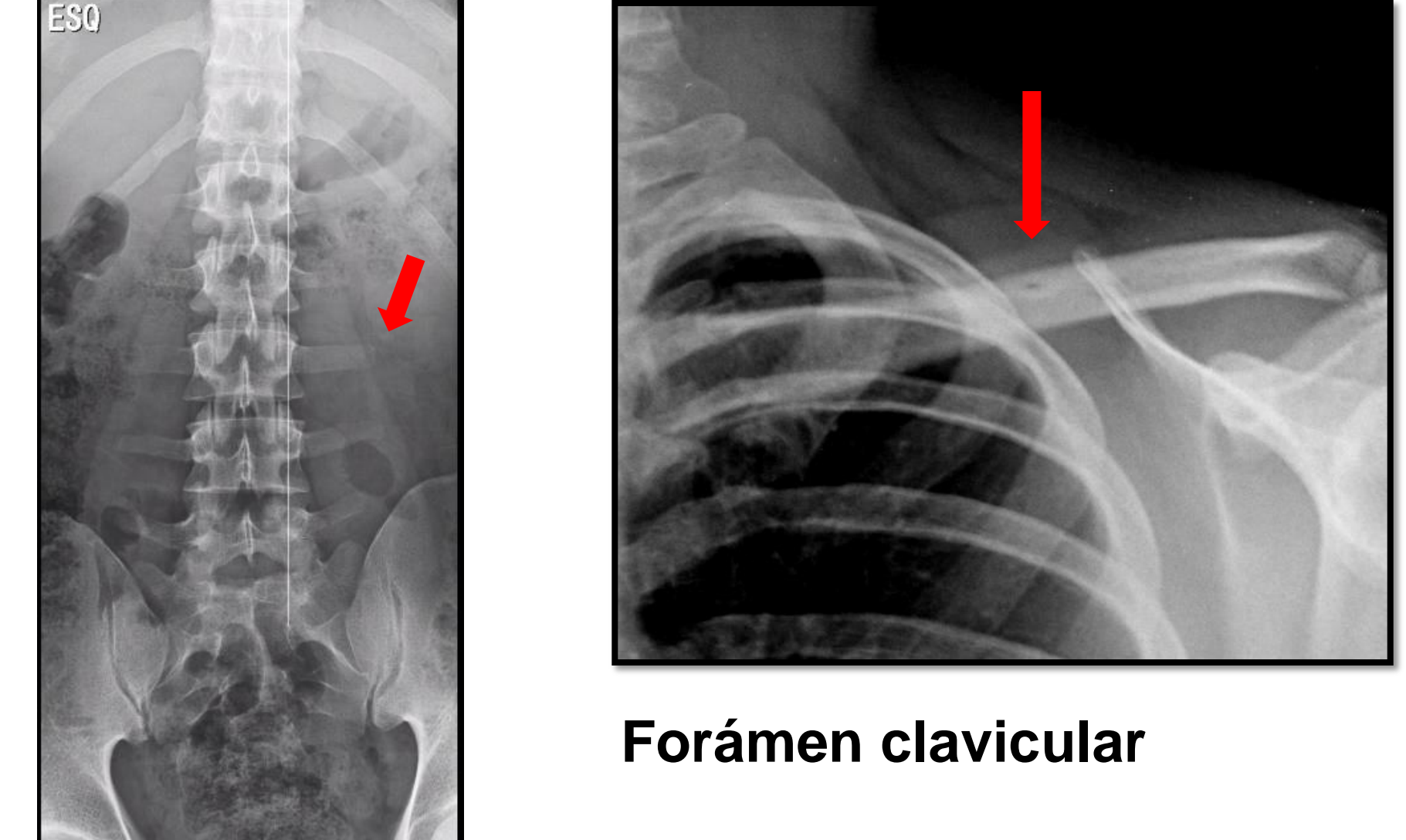
Hemivértebra lombar condicionando escoliose, fator de clara identificação.



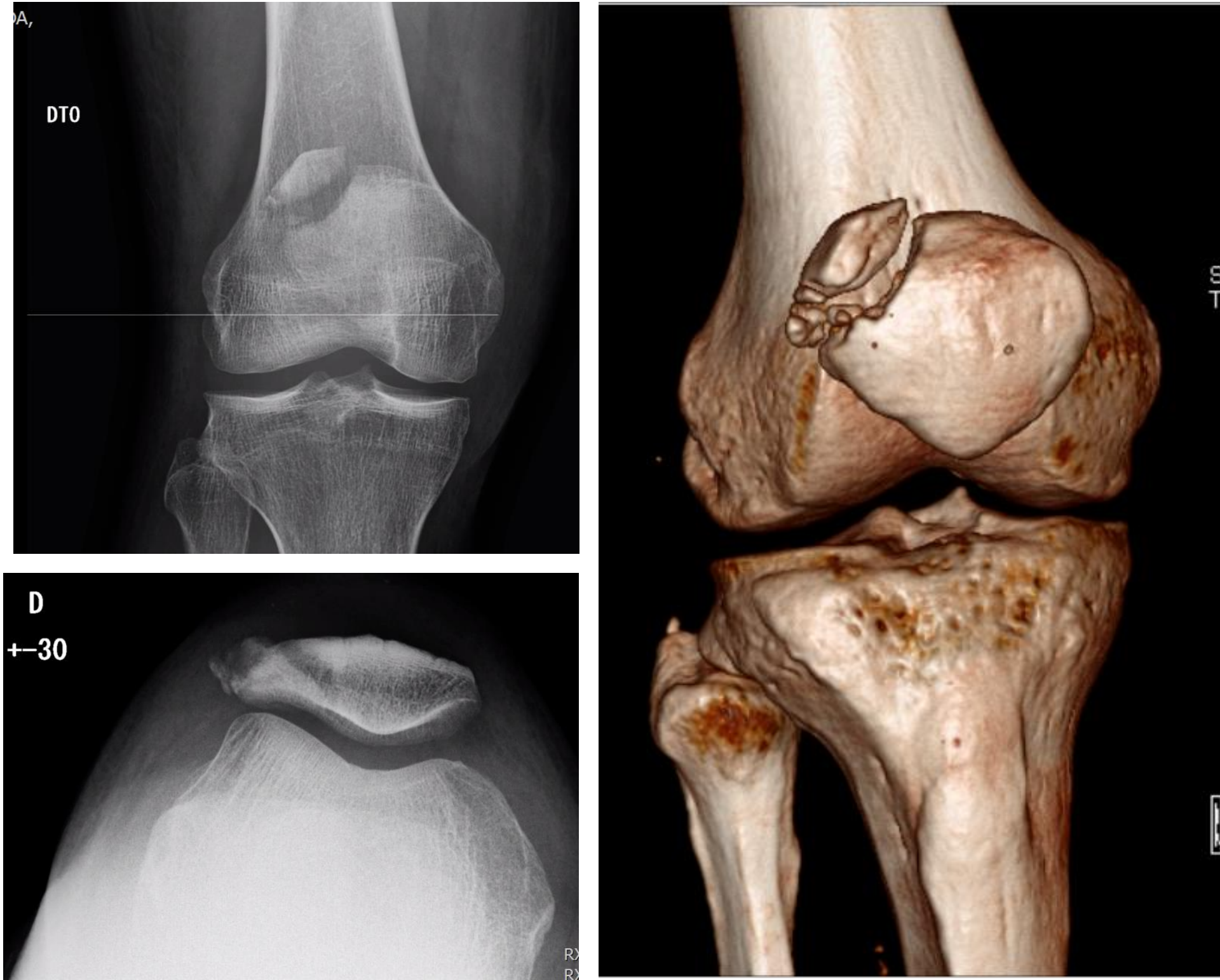
No esqueleto imaturo, as fises podem ser confundidas com fraturas



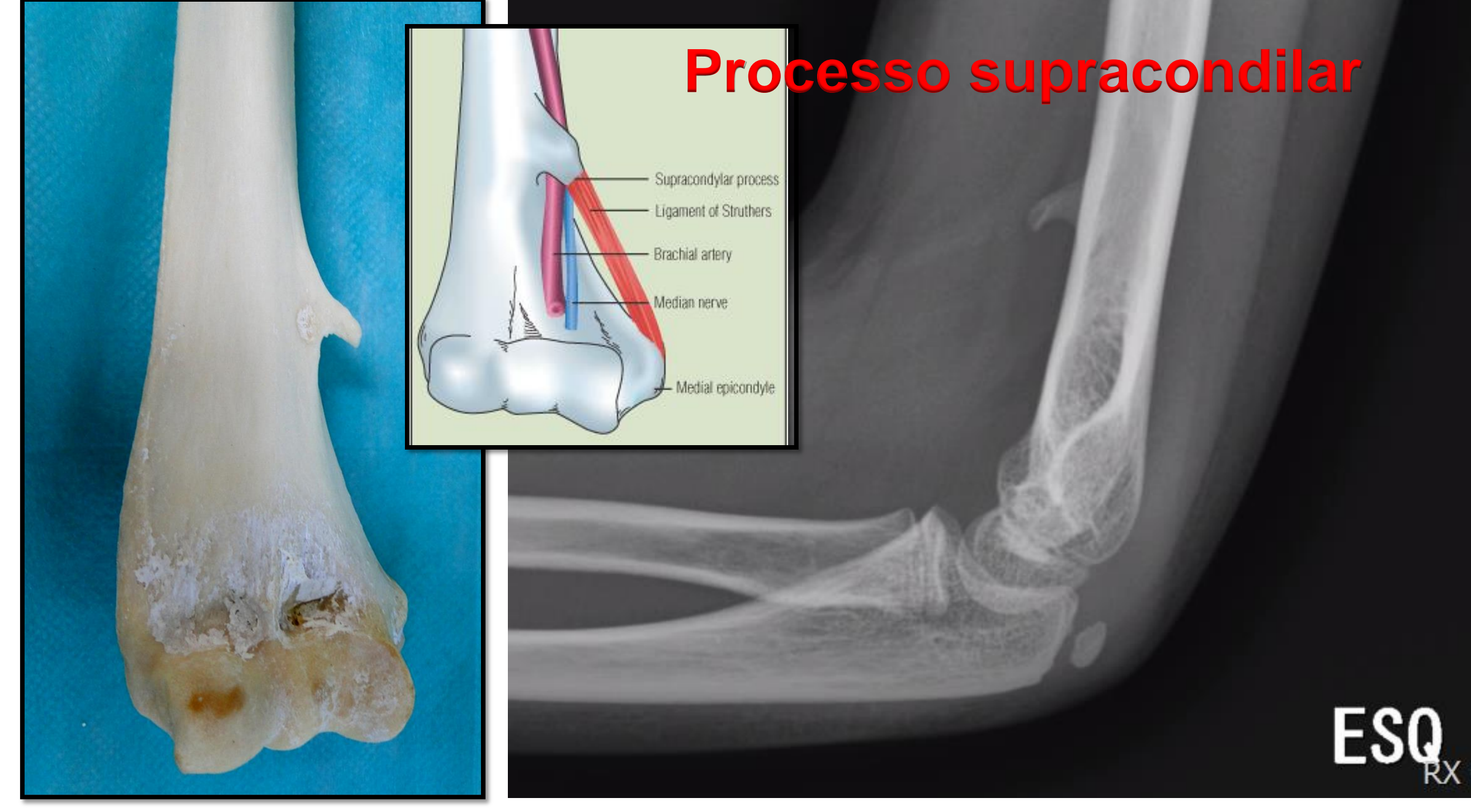
Presença de um forâmen biparietal de tamanho muito raro. Achado de necrópsia



Processo transversal lombar atípico



Fratura do polo superior da rótula que pode ser confundida com uma rótula bipartida



Na figura acima: Processo supracondilar do úmero. Trata-se de uma variação anatômica e que pode apresentar manifestações clínicas. Não deve ser confundida com osteocondroma. Pode ser um “achado radiológico” a ser documentado.



Forâmen olecraniano que pode ser identificado nas radiografias do cotovelo.

CONCLUSÃO

Todos os elementos susceptíveis de poderem contribuir para tal identificação são essenciais e, entre eles radiografias realizadas in vitan. Estas radiografias podem revelar achados incomuns, variações anatômicas não métricas, como ossos extranumerários, sesamóides, alterações na fusão óssea ou forâmens acessórios. Elementos pouco valorizados no contexto clínico, mas que podem assumir valor primordial da identificação humana. Quanto mais peculiar for a alteração, mais particular será a sua identificação consoante a sua frequência em determinado grupo populacional. Variações anatômicas, também podem ser confundidas com fraturas ou lesões traumáticas, levando a interpretações erróneas por um perito que não esteja familiarizado com as variações e patologias ósseas.